

MATTA, Priscila. **Dois elos da mesma corrente**: uma etnografia da Corrida do Imbu e da Penitência entre os Pankararu. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social na Universidade de São Paulo (USP). 2005.

MUNDURUKU, Daniel. **O banquete dos deuses**. Conversa sobre a origem e a cultura brasileira. São Paulo: Editora Global, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B1tQ2XAFclGdTDdRS0JWb0pJbms/view>. Acesso em 23/05/2018.

PESAVENTO, Sandra. “Sensibilidades: escrita e leitura da alma”. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Sensibilidades na História**: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p. 7-21.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. **Cidade das águas**. Usos de rios, córregos, bicas e chafarizes em São Paulo (1822-1901). São Paulo: Editora SENAC. 2007.

SIQUEIRA FILHO, José Alves de (org.). **Flora das Caatingas do Rio São Francisco**. História natural e conservação. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio Editorial Ltda, 2012.

SENSIBILIDADES IMERSAS NAS MEMÓRIAS ESCOLARES: PRÁTICAS EDUCATIVAS NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PARAIBANA

Maria Leticia Costa Vieira
(UEPB,I)
lcosta3007@gmail.com

Patrícia Cristina de Aragão
(UEPB, I)
patriciacao@yahoo.com

RESUMO

Neste trabalho, buscamos investigar, através da pesquisa elaborada na Iniciação científica (PIBIC/UEPB) com o projeto intitulado “Memórias escolares nas narrativas de docentes negras: práticas educativas na história da educação paraibana” como o contexto escolar vivenciado por docentes negras contribuiu para atos de preconceito, discriminação racial

e de gênero e a interferência destas nas práticas educativas dessas mulheres. Buscamos no campo de estudo da História cultural, perceber como as práticas educativas vivenciadas por elas no cotidiano escolar, foi consubstanciado, o lugar da pessoa negra frente as questões supramencionadas. Nossa abordagem metodológica na perspectiva da história oral, tendo como aporte as narrativas das informantes sobre as vivências escolares. Os referenciais teóricos a balizar nossos estudos foram focalizados a partir de Borges (2015) discutindo a inclusão da História e da cultura afro-brasileira nos currículos da educação básica e superior, com Gomes (1996) trabalhando com educação, raça e gênero e Pinto (2010) com seus estudos sobre feminismo, história e poder. Tomamos ainda a concepção de Julia (2001) para refletir sobre a cultura escolar e a percepção desta nas falas das professoras. A partir da pesquisa realizada podemos compreender, como o percurso educativos das docentes negras muito influenciou em suas perspectivas, representações e ações em relação a seu pertencimento étnico e também as maneiras como passaram a desenvolver práticas educativas que pudessem versar sobre as questões de suas sensibilidades, emoções, subjetividades frente à docência e as história de vida em tempo de escola, os conhecimentos e a incorporação desses comportamentos, desvendam as sensibilidades das práticas educativas no cotidiano de docentes negras.

Palavras-chave: Memória; Narrativas; Docentes Negras; Cultura escolar.

1.0 INTRODUÇÃO

Ressignificar memórias, repensar o lugar dos sujeitos, romper os silenciamentos históricos, configurar uma nova visão a respeito da trajetória do povo negro, faz parte do papel do historiador, certifica o que Albuquerque Júnior (2006) apresenta:

O historiador quase sempre está manipulando memórias. Sejam escritas (autobiografias, cartas, etc...) ou orais, as memórias individuais ou coletivas tem se transformado numa das fontes cada vez de maior importâncias para o trabalho de gestação da história. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2006, p.1).

O presente trabalho ganha vida a partir de uma pesquisa realizada na iniciação científica cota (2018/2019), o projeto “*Memórias Escolares nas Narrativas de Docentes Negros/ As: Práticas Educativas Na História Da Educação Paraibana*”, o qual tem por objetivo discutir sobre a trajetória de vida e de formação docente de professoras negras da educação básica e superior, em contextos rurais e urbanos da Paraíba, a partir dos aportes da memória, cujo o cotidiano da sala de aula vivenciados em suas práticas docentes, os dilemas relativos às questões étnico-raciais no trabalho com crianças, adolescentes e jovens favorecem para a construção da identidade negra.

Neste projeto tomamos como principal diretriz contribuir para os estudos relativos a história de vida e formação docente no campo da História da Educação e para a construção da memória afrodescendente a partir do trato dado as professoras negras, tendo como objetivo olhar e analisar suas memórias através das narrativas orais como de extrema relevância para o enfoque das questões étnico- raciais no contexto educacional.

Ao trabalharmos com essas memórias de docentes negras como personagens em duas vertentes, trabalhamos com suas infâncias, vendo na infância uma possibilidade de compreensão da trajetória do sujeito humano através do tempo, as docentes que nos concederam entrevista para compor a análise de nossa pesquisa e estudo, nos propiciaram uma leitura histórica de suas memórias, nos relatando aspectos de um tempo vivido, importantes na sua vida, sensibilidades humanas que fazem parte da composição do ser humano e suas formas e modos de ver o mundo, a vida e sua própria trajetória, buscamos entender como a trajetória de vida das mesmas interferem nas suas formações identitárias e como o *ser negra* modifica a sua postura em sala de aula e em sociedade.

Desta forma, pesquisamos a trajetória escolar, de vida e de formação de professoras negras no período compreendido entre os anos de 1970 e 1999 do século XX, na perspectiva de investigar a formação dessas professoras no espaço escolar e as suas posturas e posicionamentos em relação a escola, aos alunos e como suas relações com estes foram sendo construídas nos processos educativos, para só assim compreendermos os espaços lacunares na história do negro na educação e a educação de negros na Paraíba. Tomando como verdade o que Albuquerque Júnior (2006) fornece:

Na memória fica o que significa, na história se resignifica o que fica, esta é a violência do historiador que com seus conceitos atribuem novos significados ao que ficou guardado nas memórias; recortando-as, reconstruindo-as, desmanchando suas telas. Violar memórias faz com que seja gestada a História que está sempre em busca de um novo sol para orientá-la. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2006, p.10).

Trabalhamos então, com as concepções de gênero, etnia, docência, memória e feminismo, ressaltando a importância da mulher perante a sociedade, e evidenciando o

processo pelo qual as mulheres negras passam com as influências do processo de embranquecimento social, e do branco como sendo o referencial de belo.

O nosso objetivo foi compreender o lugar de fala da mulher negra professora através de suas memórias e histórias de vida, cujas narrativas tratam desde de tempos de infância à docência ressignificando suas memórias escolares e como estas construíram suas práticas educativas no cotidiano escolar. Realizar entrevistas com professoras negras paraibanas sobre suas infâncias e capturar suas experiências no ambiente escolar questionando o debate a respeito da questão racial, foi primordial em nosso estudo, uma vez que através de seus olhares sobre as infâncias vividas por elas, tempos de ternura, de desafios, uma escuta sensível do tempo de viver que as tornaram mulheres, fortalecidas em suas negritudes e docente.

As infâncias destas mulheres, suas escritas sensíveis de um tempo de outrora, fizeram com que nesta revisitação do passado, pudessem compreender o que é ser mulher, ser negra e docente, cujas vidas contribuem para a história da educação na Paraíba. A mulher negra enredando suas tramas infantis e talhando através de suas memórias histórias de professoras negras no solo paraibano.

Para tanto, em nosso corpo teórico trabalhos com Lino Gomes (1996) falando sobre educação, raça e gênero; Pinto (2009) dialogando sobre feminismo, história e poder; Delgado (2003) com história oral e narrativa; e Albuquerque Júnior (2006) com suas contribuições sobre memória e sua relação com a história.

A abordagem metodológica utilizada está centrada na história oral e na análise de entrevistas, para a partir dos aportes da memória dialogar com nossos objetivos perante a pesquisa. Os sujeitos participantes dessa pesquisa trataram-se de quatro professoras do ensino superior e básico, o cenário da pesquisa tangeu a Central de Aulas da Universidade Estadual da Paraíba- Campus I, Campina Grande.

Na história o que abre a possibilidade de fazer o diálogo entre os conceitos trabalhados aqui e a educação, são os trabalhos voltados para a Nova História Cultural, sendo possível construir uma nova relação entre o passado e o presente, nos fornecendo

uma diversidade de fontes que antes não poderiam ser utilizadas, a exemplo da nossa principal metodologia e fonte, as narrativas orais. Essa nova modalidade de fazer história busca primordialmente novos objetos de pesquisa, o que nos abre uma gama de novas fontes e a ligação dessas fontes com inúmeras possibilidades, que veremos ao longo do presente estudo.

Este artigo está organizado em duas sessões na primeira nossa pauta de discussão é sobre as Práticas Educativas e Sensibilidades da Cultura Escolar, Conclusões.

2.0 PRÁTICAS EDUCATIVAS E SENSIBILIDADES IMERSAS NA MEMÓRIA DE HISTÓRIA DE VIDA E EM TEMPOS DE ESCOLA: ABORDAGENS DA CULTURA ESCOLAR

Compreender que boa parte da sociedade mascara a realidade e afirma a não existência do preconceito racial é algo que durante muitos anos vem sendo discutido, e a partir da nossa pesquisa mostramos uma clareza maior sobre a importância do tratamento dado na pesquisa em história para as memórias e as vivências educativas de professoras negras, trazendo acima de tudo como essas memórias e vivências educativas no campo dos estudos historiográficos são relevantes para entender a vida e o tempo de escola dessas docentes, reconhecendo que:

A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais, ou, a bem verdade, como as vozes – exatamente iguais (PORTELLI, 1997, p.16).

Para tanto, o trabalho com base na Nova História Cultural¹¹⁷ foi imprescindível para a nossa pesquisa e as discussões relativas a gênero e etnia, junto a essa discussão

¹¹⁷ Os estudos que se iniciaram na segunda metade do século XX, a partir de desdobramentos da História das Mentalidades e se constituiu enquanto campo investigativo conhecido como “Nova História Cultural”, a qual ampliou abordagens, sujeitos históricos, temas e problemáticas do campo histórico, sem “fugir” da

trazendo ainda o enfoque nas memórias de docentes negras nos possibilitou olhar para essas mulheres não como vítimas do nosso sistema, mas como exemplos a serem seguidos. A Nova História Cultural possibilita ao historiador pesquisador o encontro entre as fontes e o passado, trazendo o humano para a história e nos possibilitando preencher as lacunas existentes ao longo do tempo com novas e diversificadas fontes, para além do documento escrito e conceitos preestabelecidos.

A partir da Nova História Cultural, foi possível interligar novas formas de se pensar a história, buscando desmistificar as concepções de gênero e feminismo, assim como relacionar a história de mulheres negras com uma construção secular sobre como os negros não sentem preconceito ou não passam por episódios relacionados a cor da pele, o nosso estudo abre portas para se pensar como essa construção histórica reverbera nos dias atuais. Sabendo que:

As teorias racistas presentes no cotidiano escolar e na sociedade não surgiram espontaneamente, nem são meras transposições de pensamento externo. Elas sofrem um processo de retroalimentação, e terminam por legitimar o racismo presente no imaginário social e na prática social e escolar. (GOMES, 1996, p. 70).

O estudo com base na História da Educação Paraibana abre portas para entendermos que:

Escolas são instituições históricas e culturais que se assemelham na arquitetura e na estrutura organizacional. Ao mesmo tempo, cada escola é terreno diferenciado, em que subgrupos sociais com diferentes interesses se definem mutuamente, caracterizando sua cultura, dentro de determinado tempo, espaço e local. Estudar a rede de significados que compõe a cultura escolar permite a identificação dos mitos, crenças e valores que direcionam determinado grupo-escola, construídos ao longo do tempo pela história cotidiana vivenciada por seus membros, e que identificam cada escola em particular. (FALSARELLA, p. 623, 2018).

história como ciência específica ou disciplina e possibilitou assim o contato interdisciplinar, como também o estudo das práticas escolares e da cultura escolar formada ao longo do cotidiano.

As discussões sobre gênero atreladas a negritude e feminismo¹¹⁸ levantam a bandeira da igualdade e do respeito as questões sociais que, como mencionado na citação acima, muitas vezes acabam por ser legitimadas ao longo das nossas praticas cotidianas, que podem ser mudadas, através da educação que essas professoras que entrevistamos e tantas outras que estão em sala de aula, fortalecendo a discussão para as suas práticas educativas e para o cotidiano dos alunos. Como a professora Luciene na figura abaixo:

Figura 1



(Fonte: Figura disponibilizada pela professora Luciene, participante da nossa pesquisa).

Identificar a partir das narrativas orais, as experiências vivenciadas por professoras negras no cotidiano escolar, enfatizando seus dilemas, desafios e perspectivas em torno da prática educativa e formação docente nos faz entender a raiz da questão sobre suas trajetórias de vida. Dentre as quatro professoras, todas negras e estudantes de escolas

¹¹⁸ O movimento feminista tem uma característica muito particular que deve ser tomada em consideração pelos interessados em entender sua história e seus processos: é um movimento que produz sua própria reflexão crítica, sua própria teoria. (PINTO,2010, p.15).

paraibanas, é notório que suas lembranças das memórias escolares se manifestam de forma negativa.

Em resposta a primeira de nossas perguntas “*Que lembranças Você tem dos tempos da Escola Básica?* ” percebemos que uma das professoras entrevistadas, desde sua infância demonstra percepção com relação aos preconceitos raciais, fala sobre a preferência de colegas brancos para atuar ou ser algum personagem importante na hora das festividades e na existência de apelidos relacionados as características raciais. Outra, se emociona ao relembrar seu passado escolar, começa a perceber que desde a escola tinha uma professora que a observava de forma diferente por causa de sua cor, e essa foi a memória mais forte que ela apresentou, a de ter uma distinção na sala de aula entre suas colegas brancas e ela. Situações que são perceptíveis na atualidade, como Gomes (1996) afirma:

A suposta primitividade da cultura negra também pode ser encontrada no cotidiano e nas práticas escolares. Ainda assistimos às festas escolares, principalmente na comemoração do dia do folclore, números em que os/as alunos/as representam a contribuição das “três raças formadoras”, enfatizando a cultura europeia como matriz e a índia e a negra como meros adendos, ou seja, algumas “contribuições” nos costumes, no vestuário, nas crenças. Nega-se, portanto, a riqueza de processos sócio- culturais tão importantes e que são constituintes da formação da sociedade brasileira. (GOMES, 1996, p.71).

Foram essas percepções de episódios de distinção e discriminação raciais que nos fizeram voltar nosso olhar para essas mulheres, para sua cor, suas trajetórias escolares e de formação, em uma outra pergunta “*Na sua vida escolar você já passou por experiência de preconceito ou discriminação? O que isto repercutiu na sua vida e na sua maneira de ver a Escola e as pessoas negras?* ” a resposta de uma das professoras entrevistadas evidencia que além da pobreza, era bolsista, o que dificultou muito suas relações na escola, sentia vergonha por seu cabelo crespo e só aos 35 anos de idade decidiu que não vai mais alisar o cabelo, em sua infância ela sofreu muito por ser diferente e isso a fazia se sentir feia, só quando mudou de escola e conheceu mais pessoas com suas características foi que deixou seus cabelos mais naturais, porém permaneceu por muito tempo com o sonho de cabelos lisos.

Figura 2



(Fonte: Figura disponibilizada pela professora Jaquicilene, participante da nossa pesquisa).

Na figura acima, a professora está pronta para a escola, se olharmos bem, em sua juventude seus cabelos não estão tão crespos, tentativa de embranquecimento, por sofrer durante sua trajetória preconceitos e distinções por ter a cor negra, a relevância dessa pesquisa está na forma como podemos entender a trajetória dessa e das outras professoras, a forma como tiveram de negar sua negritude, seus traços, até que entendessem e aceitassem sua beleza. Na figura abaixo, temos a mesma professora, agora em atividade com os alunos e deixando seus cabelos pela primeira vez em anos, voltar ao normal:

Figura 3



(Fonte: Figura disponibilizada pela professora Jaquicilene, participante da nossa pesquisa).

Nesse momento, precisamos entender o poder do cabelo, do corpo, das expressões culturais e da mulher negra, do povo negro como um todo. Através da nossa discussão é possível entender que:

O cabelo e o corpo são pensados pela cultura. Nesse sentido, o cabelo crespo e o corpo negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. (GOMES, 2012, p.2).

Discutir sobre a trajetória de vida e de formação docente dessas professoras, em seus diferentes contextos, nos ajuda a entender o imaginário social, as concepções, os valores e as culturas que por séculos legitimam as práticas de discriminação que encontramos ao longo da nossa pesquisa. Essas professoras foram selecionadas pelos seus relevantes trabalhos de inclusão de discussões étnico- raciais em sala de aula, o que nos fez investigar a formação das mesmas e as posturas delas em relação a escola, para só assim entendermos como está sendo preenchido esses espaços lacunares na história do negro na educação.

Em nossa pesquisa, as sensibilidades do cotidiano escolar dessas professoras, estão em respostas a cada uma das nossas perguntas, uma delas relembra sobre o desejo de ser rainha do milho, na festa de São João, “na escolha da rainha do milho, a rainha do

milho sempre era a menina mais branca, geralmente era as meninas loiras, do mesmo jeito era pra ser a baliza da banda da escola, magras...” , dar voz a essas mulheres as fazem peças chaves para que episódios como esses não se repitam, que as meninas não precisam se sentir inferiores ou que pensem não poder ser o que elas querem ser, por serem negras.

Em uma outra pergunta *“Como foi sua vida escolar em relação com professores e colegas? O que este período representou na sua vida?”* uma das nossas entrevistadas diz que costuma pensar que representatividade é tudo, e que a criança se espelha no professor, ela percebia desde o início dos estudos que seus professores eram diferentes, por não serem da comunidade (cresceu em uma comunidade quilombola) e por não serem negros, só na 4º série que ela conheceu sua primeira professora negra e fala o quanto essa professora foi importante para sua formação, ressaltando que a professora é exemplo até hoje na sua trajetória.

Uma das perguntas que mais deixou as professoras pensativas, foi *“Por que escolheu a docência? O que esta escolha trouxe para sua vida em termos de mudança?”* e a resposta de uma das docentes deixou claro que o passado influência diretamente nas nossas escolhas quando fala que sempre quis voltar para a escola como professora, lembra que desejava fazer tudo aquilo de positivo que um dia desejou que seus professores tivessem feito em sala de aula.

Durante a realização da pesquisa, tentamos fazer o paralelo da trajetória de vida dessas mulheres e a forma como atuam em suas vidas profissionais, em todos os quatro relatos encontramos episódios de preconceito e a forma como elas reagiram a isso, seja através das suas formações ou seja pelos projetos que as mesmas construíram na escola para trabalhar sobre as relações étnico- raciais no espaço escolar.

Ficou nítido ao longo da nossa pesquisa, o desejo de fazer diferente que essas professoras têm, a vontade de ser algo para além de professoras, mas como a professora acima deixa claro, ser representatividade, ser exemplo, buscar valorizar a sua negritude através das aulas, de projetos, do cotidiano escolar dos seus alunos. Como o caso da professora Luciene, que ao se forma em pedagogia, voltou para a Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos e faz trabalhos belíssimos no espaço escolar:

Figura 4



(Fonte: Figura disponibilizada pela professora Luciene, participante da nossa pesquisa).

“Em sua trajetória escolar, você teve algum/alguma professor/a negro/a? Como era a prática pedagógica destes docentes?” foi uma das nossas últimas perguntas e ficou nítida a importância da luta negra nos espaços, quando uma das nossas professoras enfatiza que é impossível no Brasil não termos nenhum professor negro durante nossa trajetória escolar, porém é muito difícil encontrar um professor que se auto afirme como negro, recorda de muitas professoras negras que viviam maquiadas e com alisamento nos cabelos, e que a temática racial nunca foi abordada.

Ao longo de toda a pesquisa, percebemos a importância da História Cultural, para podermos atrelarmos tantos conhecimentos, falar sobre questões raciais junto as questões de gênero no campo historiográfico é imprescindível para as discussões e debates enfrentados pelos povos negros ainda na atualidade, ou seja, é um diálogo contínuo e que exige fôlego, pois como Gomes (1996) deixa evidente:

Falar em relações raciais e de gênero, discutir as lutas da comunidade negra e dar visibilidade aos sujeitos sociais não implica em um trabalho a ser realizado esporadicamente. Implica em uma nova postura profissional, numa nova visão das relações que perpassam o cotidiano escolar e a carreira docente, e ainda, no respeito e reconhecimento da diversidade étnico- cultural. Representa a

inclusão nos currículos e nas análises sobre a escola desses constituintes da dinâmica social, da nossa escola e da prática social. (GOMES, 1996, p. 81).

Trabalhar com as memórias escolares dessas mulheres nos ajuda a pensar uma história que traz consigo toda uma sensibilidade e identidade própria, tentamos evidenciar e dar voz a essas professoras, colocando elas e suas práticas de ensino em notoriedade.

PARA CONCLUIR ALGUMAS HISTÓRIAS....

Para efeito de considerações finais, falar de vida de professoras e falar também de histórias diversas de pessoas, que espelharam suas vidas na vida de outras pessoas, mulheres cuja a dignidade diante do desafio, foi afiada através dos tempos. Ao abrirmos o baú da memória de professoras, abrimos também um carrossel de histórias importantes para o conhecimento e reconhecimento da história educacional na Paraíba lidas pelas lentes de vida das mulheres negras.

Abrir o diálogo, ou melhor, da continuidade a esse diálogo a partir da história, da narrativa de vida, das experiências de mulheres negras professoras, consegue extrair motivações muitas vezes não entendidas, atitudes e formas de ver a vida que ficam no anonimato. Falar sobre temáticas raciais na contemporaneidade continua sendo tarefa cara, que muitas vezes pode ser tomada como vitimização ou como uma discussão por vezes repetitiva.

Porém, a importância da nossa pesquisa está na forma como ela é construída, sabendo que as narrativas de vida nos ajudam a compreender diversos contextos e realidades ao longo da história. Neste sentido, trabalhar a história de docentes negras paraibanas, destas enquanto discentes, nos abre um leque de possibilidades para que possamos entender o universo dos povos negros em nossa sociedade e as dificuldades que os mesmos encontram. Sabendo que:

Os movimentos sociais, a luta da comunidade negra e das mulheres exigem da escola o posicionamento e a adoção de práticas pedagógicas que contribuam na superação do racismo e da discriminação racial e de gênero. É preciso que

se dê visibilidade às inúmeras práticas que o Movimento Negro já tem desenvolvido na educação. É necessário que os educadores compreendam que a luta pelo direito à igualdade social não elimina as diferenças étnico- raciais. E que o racismo não conseguiu apagar a dignidade dos sujeitos negros que em meio a este processo devastador continuam lutando pela preservação da sua identidade. (GOMES, 1996, p. 82).

Essa pesquisa contribui para percepção dos grupos étnicos na escola e na sala de aula, enfatizando e propagando as narrativas orais e as linguagens pedagógicas trabalhadas, proporcionando a inserção da tradição e a ligação entre história e educação para as relações étnico raciais.

Olhar para essas professoras enquanto mulheres negras que buscam fazer a diferença, é algo que nos mostra o quanto nossa trajetória de vida influência na forma como vamos lidar com as situações no futuro, no caso delas, buscam através das suas salas de aula reavivar a cultura e história do povo negro, transformando os alunos participantes da história que elas estão construindo, por falar o que muitas vezes ainda não é dito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Violar memórias e gestar a história; abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil.** Natal: 2006. 11p.

_____. A dimensão retórica da historiografia. In. PINSKY, Carla Bassanezi. LUCA, Tania Regina de. **O historiador e suas fontes.** Editora Contexto. 2011.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral e narrativas: tempo, memória e identidades.** 2003.

FALSARELLA, Ana Maria. **Os estudos sobre a cultura da escola: Forma, tradições, comunidade, clima, participação, poder.** Educ. Soc., Campinas, v. 39, n°. 144, p.618-633, jul- set, 2018.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, raça e gênero: Relações Imersas na Alteridade.** Cadernos Pagu (6-7) 1996: pp. 67- 82.

_____. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** 2012. Disponível em: << <http://acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf>>>.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, História e Poder**. Revista Sociol. Polític, v. 18, 2010.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral**. Projeto História, São Paulo, n. 15, p.13-49, abr. 1997.

“COM NATURALIDADE, SEM FANTASIAS”: O DISCURSO MÉDICO-PEDAGÓGICO E A EDUCAÇÃO SEXUAL DAS CRIANÇAS NA IMPRENSA PARAIBANA (DÉCADA DE 1930)

Prof. Rafael Nóbrega Araújo (PPGH/UFMG)

rafael.nobreg.araujo@gmail.com

Prof. Dr. Azemar dos Santos Soares Júnior (UFRN)

azemarsoares@hotmail.com

RESUMO

A presente comunicação objetiva analisar os enunciados médico-pedagógicos publicados na imprensa paraibana contendo conselhos sobre educação sexual para crianças e jovens na década de 1930. O *Boletim de Educação Sexual*, por meio da imprensa, divulgou discursos sobre educação sexual em todo território nacional através de artigos científicos voltados para a temática. Na Paraíba não foi diferente. O jornal *A União* e a *Revista do Ensino* figuravam entre os diversos periódicos que serviram de veículo de divulgação da “sexologia”, assumindo um papel pedagógico ao defender a necessidade da inclusão do debate em sala de aula, especialmente, devido a fatores como o alastramento dos “vícios” sexuais e a forte propagação da sífilis e outras doenças venéreas entre a mocidade. Ancorados no conceito de *biopolítica* proposto por Michel Foucault (2015), pretendemos analisar, de forma geral, a normalização biológica investidas no corpo e na sexualidade a partir de um poder de gestão política das populações.

Palavras-chave: Educação sexual; sífilis; eugenia; biopolítica.

Introdução

Eram tempos idos de 1933. Sob a organização de um médico, o dr. José de Albuquerque, era fundado o *Boletim de Educação Sexual*. Um de seus objetivos era